

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ageniana Espíndola

**O GÊNERO DANÇANTE: DESVELANDO SIGNIFICADOS DA DANÇA**

Florianópolis  
2017

Ageniana Espíndola

**O GÊNERO DANÇANTE: DESVELANDO SIGNIFICADOS DA DANÇA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado na Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Educação Física.

Orientadora: Luciana Fiamoncini  
Coorientadora: Miraira Noal Manfroi

Florianópolis  
2017

Agienara Espindola

**O GÊNERO DANÇANTE: DESVELANDO SIGNIFICADOS DA DANÇA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Luciana Fiamoncini  
CDS- UFSC (Orientadora)

---

Miraira Noal Manfroi  
CDS UFSC (Coorientadora)

---

Simone Simon  
Prefeitura Municipal de Florianópolis - PMF

---

Iracema Soares de Sousa  
CDS-UFSC

---

Priscila Mari dos Santos Correia  
CDS-UFSC

Florianópolis, 22 de Junho de 2017.

## AGRADECIMENTO

Quero oferecer esse trabalho, como forma de agradecimento a todas as pessoas que tiveram papel fundamental nessa trajetória tão importante para mim. Muitos nomes não irão aparecer, mas a questão é que, é pouco papel para muitos agradecimentos, então parabéns todos que contribuíram de alguma forma para esse momento. E essa é uma forma de dizer o quanto vocês são especiais, e o quanto contribuíram para que essa realização se concretizasse.

Quero agradecer a minha Família, aos meus pais Agenor e Iris, minha irmã Beatriz, meus sobrinhos lindos, pelo apoio a todos esses anos de caminhada, e pela alegria de cada um, que sempre me motivou.

Aos entrevistados que cederam uns minutos dos seus dias, e além deles os lindos depoimentos que estarão gravados aqui. E também as duas escolas que me deram total apoio, foram muito atenciosas disponibilizando os próprios entrevistados e os lugares para que as entrevistas acontecessem.

Sou muito grata à professora Simone Simon por me acompanhar nessa trajetória linda da dança em minha vida, e contribuir com essa vontade de seguir dançando, o meu muito obrigado a cada ajuda, que por mais que para ela foi um simples gesto, para mim foi uma demonstração de como ela é uma pessoa maravilhosa e especial. Sou muito grata!

Não poderia deixar de fora, as minhas companheiras/professoras do forró Iracema, Laís, Flávia e Luiza, pois dar aula ao lado de vocês é sempre uma alegria, obrigada pelas reuniões engraçadas, pelos forrobodós da vida, vocês são demais!!!

O meu muito obrigado as minhas amigas da faculdade que tiveram papel muito importante nessa conquista. Quero agradecer pelos trabalhos que fizemos juntas, pelas viagens engraçadíssimas, pela companhia, pela parceria nos estágios, e enfim, pelas gratificantes horas do café da tarde (nada maleável) depois das aulas, para que pudéssemos dar boas risadas, discutir, conversar... Natalia Dias, Luana Oliveira, Eduarda dos Passos, obrigada amigas/irmãs por esses quatro anos de parceria!

Quero agradecer e também parabenizar meu Namorado Luiz Fernando Queiroz, pela paciência de ter conseguido me aturar todas as horas de estresse e empolgação. Obrigada por ter entendido e ter sido tão atencioso, nas horas em que eu precisava me desligar de tudo e me focar nesse e demais trabalhos. Obrigada por sempre estar ao meu lado nas horas difíceis, e também nas tão especiais. Sou grata por tudo que tens feito por mim, inclusive por você ser assim, especial como és! Com certeza essa conquista, não é só minha, é nossa! Eu te amo.

Obrigada imenso a minha orientadora Luciana Fiamoncini, e a minha coorientadora Miraíra Noal Manfroi, que contribuíram para que esse projeto, esse sonho se concretizasse. Obrigada a cada reunião, risadas, correções, vocês foram muito atenciosas comigo, adoro vocês!!!

E o que eu levo desses quatro anos de formação, não são apenas experiências, mas sim, lembranças de momentos inesquecíveis, engraçados e únicos. Além desses momentos, também conheci pessoas queridas que se tornaram grandes amigas e parceiras. Mais uma vez agradeço a todos de todo coração, pois esse trabalho foi feito com muito carinho e vocês de algum modo fazem parte dele. Obrigada!

## RESUMO

Dança, gênero e mídia são temas que vêm sendo refletidos por diversas esferas, ora isolados, ora entrelaçados. Acreditando que as possibilidades de discuti-los não se esgotaram, e muito provavelmente não se esgotarão, o objetivo geral deste estudo foi de compreender a relação de bailarinos e praticantes com a dança em Florianópolis. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, que contou com a participação de seis homens que dançam, os quais responderam a um roteiro de entrevista semiestruturado. Buscou-se agrupar as falas dos entrevistados a partir de pontos significativos identificados, tendo por base os objetivos desse trabalho, a partir daí se desenvolveram as reflexões que se apresentam. De forma breve, salienta-se que cada entrevistado traz consigo significados muitos especiais sobre a dança, advindos de destinos, modos de viver, e de experiências diferentes, mas o que todos têm em comum é a permanência no mundo da dança. Percebe-se que tiveram tempos em que a presença de homens na dança era escassa, mas que, ultimamente, isso está mudando aos poucos. Mesmo esse aumento do público masculino na dança, o ingresso de homens ainda é pequeno quando comparado com as mulheres. Quando se pensa na aceitação dos homens nessas danças geralmente se dá nos estilos com predominância de movimentos bruscos, ágeis, e de domínio masculino, características essas que se encaixam na dança de salão e Hip Hop, onde a figura do homem ainda é muito requisitada. Nota-se que o preconceito se evidenciou a partir das entrevistas, levando, na maioria das vezes, os indivíduos desde criança a seguirem um padrão de cores, roupas, brinquedos, práticas esportivas, distintos para cada sexo, esse preconceito, segundo os entrevistados, muitas vezes está vinculado a questões culturais. Essa ação pode, e acaba influenciando na decisão de um homem que, muitas vezes, age por medo do que os outros vão pensar, afinal essa ação é considerada uma prática pertencente às mulheres, fazendo com que essa pessoa acabe reprimindo suas vontades e desejos. A mídia, corriqueiramente, reforça a caracterização do papel de homem e mulher, seja em programas televisivos, jornais, desenhos, propagandas entre outros meios, onde o homem acaba assumindo um comportamento diferenciado da mulher, desde vestir uma roupa até o modo de agir. Para tanto, espera-se que com a realização deste trabalho os leitores possam ampliar a sua visão sobre dança, gênero e mídia.

**PALAVRAS - CHAVE:** Dança; Gênero; Educação física.

## **RESUMO EM LINGUA ESTRANGEIRA**

Dance, gender and the media are themes that have been reflected in several spheres, now isolated, now intertwined. Believing that the possibilities of discussing them have not been exhausted, and will probably not be exhausted, the general objective of this study was to understand the relationship of dancers and practitioners with dance in Florianópolis. Methodologically, this is a qualitative research, which had the participation of six men who dance, who responded to a script of semi-structured interview. We sought to group the interviewees' statements from significant points identified, based on the objectives of this work, from which the reflections that have been developed were developed. Briefly, it should be noted that each respondent brings with them many special meanings about dance, coming from different destinations, lifestyles, and experiences, but what everyone has in common is the permanence in the world of dance. It is noticed that there were times when the presence of men in the dance was scarce, but that, lately, this is changing little by little. Even this increase in the male audience in dance, the admission of men is still small when compared to women. When one thinks of the acceptance of men in these dances, it is generally found in styles with a predominance of abrupt, agile movements and masculine domination, characteristics that fit the dance of the hall and Hip Hop, where the figure of man is still very much in demand. It is noticed that the prejudice was evidenced from the interviews, taking, from the majority of the times, the individuals from child to follow a pattern of colors, clothes, toys, sport practices, different for each sex, this prejudice, according to the interviewees, is often tied to cultural issues. This action can, and ends up influencing the decision of a man who often acts out of fear of what others will think, after all this action is considered a practice belonging to women, making that person end up repressing their wants and desires. The media, meanwhile, reinforces the characterization of the role of men and women, whether in television programs, newspapers, drawings, advertisements, among other means, where the man ends up assuming a behavior different from the woman, from wearing a clothes to the way to act. For this, it is expected that with the accomplishment of this work the readers can broaden their vision on dance, genre and media.

**KEYWORDS:** Dance; Genre; PE

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	10
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
3.1 Identificando compreensões e significados de gênero.....	12
3.2 Dança seus significados e representações.....	14
3.3 Gênero, Dança e Educação Física.....	16
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO... ..	19
4.1 Trajetória dos dançantes.....	19
4.2 Eu, tu, eles (homens que dançam).....	22
4.3 TV, Internet, <i>Outdoors</i> ... relações entre mídia, gênero e dança.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
6 REFERÊNCIAS.....	37
7 APÊNDICES.....	39
Apêndice A – Roteiro de entrevista semiestruturado.....	39
Apêndice B - Consentimento para fotografias, vídeos e gravações.....	40
Apêndice C - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	41

## 1 INTRODUÇÃO

O gênero trata-se de um tema contemporâneo e discutido em diferentes ambientes, por pessoas de distintas áreas de atuação, tais como jornalistas em programas televisivos, professores em universidades, homens em aulas de dança. Partindo desta última afirmativa, entendemos que a dança está intimamente relacionada com as questões de gênero. O gênero compreendido como uma construção social e histórica do sexo, entra em debate sob o olhar da sociedade manifestado nas ações, nas culturas, nos preconceitos e discriminações, portanto a compreensão é diversa deste fenômeno, pois depende do olhar das diferentes culturas. Por vezes, transparece naturalidade, mas em sua maioria relevam preconceitos das diversas culturas, o que acaba interferindo nos direitos de escolha de cada um.

A dança é uma arte, portanto também faz parte de todo um contexto social, pois ela carrega consigo a expressão, linguagem, costumes de diferenciados povos, tornando-se assim, uma expressão cultural. Por meio dela podemos ter um conhecimento maior de diferentes maneiras de dançar, de movimentar-se no mundo, além do conhecimento do próprio corpo, a aproximação de si mesmo. Assim como aborda Andreoli (2010), a dança é algo que surge na e pela linguagem, tendo no corpo o principal modo de manifestação, assim ela está fortemente ligada aos processos de linguagem que operam na construção cultural do corpo.

Em nossa sociedade, ainda hoje, os homens precisam de certa forma, “provar” sua masculinidade, e a dança não se encaixa como modelo para isto. Pois a dança é considerada algo pertencente e quase exclusivo ao sexo feminino, devido a algumas de suas formas de expressão como: leveza, sutileza, desenvoltura, sensibilidade. Não há nenhum problema, de homens e mulheres efetuarem as práticas diárias, trabalhos, ações conjuntamente, pelo contrário, é muito importante para a valorização da capacidade de cada um, assim como, o exercício da cooperação e do respeito mútuo enquanto vida em sociedade. Se isso não for tratado como algo sério, podem ocorrer fatos de exclusão, preconceito, intimidação. Isso, muitas vezes, gera situações de conflito com disputa de espaço, além de criar rivalidade entre os mesmos, podendo surgir também os preconceitos mediante os estereótipos de movimentos. Ideias assim são, muitas vezes, reforçadas em círculos sociais, no trabalho, na família e ainda, frequentemente veiculadas pela mídia. Inclusive, a mídia direcionada ao jovem e adolescente onde ela mesma está carregada de significados e ideias preconcebidas, muitas delas carregam (pre)conceitos, sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. A sociedade está, muitas vezes, fechada em uma tradição, na qual as ideias ultrapassadas e o preconceito ainda são predominantes. Diante disso, é importante que a população busque rever seus valores, atualizar seus pensamentos, pois estamos em novos tempos, que solicitam novas atitudes.

Portanto, este trabalho discute a dança, seus significados para bailarinos e praticantes, enfatizando a questão do gênero na dança e a influência da mídia referente ao homem que dança, fazendo provocações ao olhar crítico da sociedade devido à percepção de ser uma prática pertencente ao público feminino. Neste contexto, este estudo apresenta as seguintes questões: Afinal por que há pouca participação dos homens nessas aulas? O que leva a maioria dos homens a optarem por outras práticas e não a dança? Afinal qual a influência da mídia sobre este assunto na opinião dos homens que dançam?

O interesse por essa temática de estudo está intimamente relacionado à minha trajetória pessoal de vida. Sempre estive ligada à dança, as experiências começaram



desde muito pequena (por volta dos seis anos de idade), e isso se tornou um *hobby*<sup>1</sup>, um “vício” que resultou em diversas vivências em diferentes modalidades e estilos de dança, algumas delas, por exemplo: dança de rua, coreografias de líder de torcida, dança country, danças populares e folclóricas, danças de salão, ballet, jazz, entre outras. Portanto, a vivência nesta área é muito significativa para mim, e foi por isso que busquei tratar algum elemento que estivesse presente neste contexto. Esta pesquisa mostrou ser uma oportunidade para esclarecer uma curiosidade que sempre tive, cuja observação não passou despercebida diante da notória ausência/escassez da figura masculina nas aulas de dança. Essa curiosidade seguiu pertinente até então, e se confirmou ao ingressar no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (em 2013). Através desse ingresso pude ter a oportunidade de participar por algum tempo de projetos de extensões, e alguns deles na área da dança, nos quais fui bolsista e professora, ministrando aulas de dança de salão, forró pé de serra e dança jazz. Como docente, tive um contato maior com os alunos, as modalidades, e ainda com todo esse tempo de prática percebi a escassez do público masculino em algumas aulas de danças. Fatos que me levaram a questionar novamente por que as mulheres ainda são maioria nas aulas de dança tendo pouca participação de homens nessas aulas? Por que esta ação ocorre? Qual o fator que leva a isso? Apesar disso, gênero é um tema ainda pouco trabalhado e discutido academicamente na área da dança, por isso pretendo averiguar esse fator de modo a colaborar de alguma forma com as pesquisas já disponíveis e existentes no momento (como algumas citadas nesse trabalho). Nessa pesquisa, não pretendo indicar uma resposta para todas as perguntas, mas que os resultados aqui apresentados possam colaborar de alguma forma para o entendimento do tema. Diante disso, essa pesquisa expõe a seguir os objetivos pretendidos.

### **Objetivo Geral**

Compreender a relação de bailarinos e praticantes da dança em Florianópolis (SC), os significados e influências que definem a presença e a permanência dos homens nesta prática.

### **Objetivos Específicos**

- a) Investigar quais os significados e a trajetória dos participantes da pesquisa com a dança.
- b) Refletir sobre questões de gênero presentes na dança.
- c) Identificar influências da mídia sobre o homem que dança.

---

<sup>1</sup> *Hobby* é uma palavra de origem inglesa frequentemente usada na língua portuguesa e se refere à atividade que se faz por prazer, por diversão. (Ferreira, 2008, p. 264).

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa possui caráter qualitativo que, segundo Silveira e Córdova (2009), se preocupa com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, e não com representação numérica. Os pesquisadores que utilizam esse método buscam explicar o porquê das coisas, mas não quantificam os valores e nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados não são métricos. A pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados.

A pesquisa ocorreu em duas escolas de dança, situadas na cidade de Florianópolis. Participaram deste estudo seis pessoas do sexo masculino, com faixa etária compreendida entre 20 e 32 anos, que praticam dança em uma dessas escolas, seja como *hobby* ou profissão.

O instrumento de pesquisa utilizado para a coleta dos dados foi entrevista semiestruturada (Apêndice A). Segundo Triviños (1987), para algumas pesquisas qualitativas, a entrevista semiestruturada é um dos principais meios que o investigador tem para realizar a coleta de dados, pois valoriza a presença do mesmo, e também oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação. A entrevista semiestruturada parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e em seguida, oferece amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Neste contexto o informante seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências, dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Segundo Triviños (1987), as perguntas fundamentais que constituem, em parte, a entrevista semiestruturada, são resultados não só da teoria que alimenta a ação do investigador, mas também de toda a informação que ele já recolheu sobre o fenômeno social que interessa, não sendo menos importantes seus contatos, inclusive, realizados na escolha das pessoas que serão entrevistadas. A entrevista foi composta por perguntas referentes à prática e vivência dos entrevistados sobre o tema, bem como qual a trajetória dos participantes da pesquisa com a dança, sobre as questões de gênero presentes nesta prática e a influência da mídia sobre o homem que dança.

Para a coleta de dados, primeiro foi realizada a aproximação com as escolas de dança, após a autorização destas, fez-se a aproximação com os participantes da pesquisa, que após aceitar participar do estudo, assinaram o Termo de Consentimento para fotografias, vídeos e gravação e também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndices B e C). Após esta etapa, foi marcado o local e horário, de acordo com a disponibilidade de cada participante, para realizar as entrevistas semiestruturadas. Salienta-se que estas foram realizadas individualmente, com a intenção de evitar constrangimentos e foram registradas com um gravador de áudio, para facilitar a transcrição das falas.

Na sequência, para as análises dos dados, foi realizada uma leitura inicial das entrevistas para uma primeira perspectiva e identificação dos dados. A partir de nova leitura, por meio da interpretação, da identificação de pontos significativos das falas, buscou-se a organização dos dados agrupando-os, a partir dos quais se desenvolveram as reflexões que se apresentam neste trabalho. Assim, a discussão dos dados foi organizada tratando primeiro sobre a trajetória dos participantes do estudo em relação a dança, bem como os significados desta para os mesmos. O subtópico dois aborda a

perspectiva do gênero e da dança. Por último, foi abordada a dança e influência/envolvimento da mídia em relação as questões de gênero e aos estereótipos presentes nesta.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1. Identificando compreensões e significados de gênero

Gênero indica a construção cultural de ideias sobre o comportamento e as características de homens e mulheres, estando assim, relacionado com toda a organização de uma sociedade, às instituições sociais (a educação, o sistema político, etc.), aos conceitos normativos sobre o masculino e o feminino, aos símbolos culturalmente disponíveis, a economia, ao estado, etc. (CONNELL, 1995; SCOTT, 1995 apud ANDREOLI, 2010).

Na maioria das vezes, desde quando o indivíduo nasce ele passa a seguir sua vida inteira moldada nesse aspecto, onde a cor, os brinquedos e até mesmo tipos determinados de movimentos, já são estipulados pela sociedade imersa pelo preconceito, provocando divisões, intimidações, desrespeito, segregação etc. É no meio social que as culturas são originadas, onde os significados construídos são passados de geração a geração, assim como os papéis de comportamentos específicos de como é ser homem e como é ser mulher. Na maioria das vezes, quase tudo o que aprendemos durante nosso desenvolvimento, levamos adiante, passando para nossos filhos os mesmos ensinamentos recebidos. Porém, certos conceitos e significados acabam se tornando fora do tempo, distanciam-se do contexto cultural e social em que surgiram, mas permanecem se afirmando, as vezes por tradição, por falta de pensamento crítico (que é tarefa da educação desenvolver) ou, as vezes, por conformismo. Isso pode provocar barreiras que impedem um contato maior com o que o mundo tem a oferecer, como vivências novas e oportunidades, em que o indivíduo se sujeita a viver apenas do que já é esperado, onde o estranho ou “anormal”, passa a ser um menino brincar com boneca ou de varrer a casa, e a menina brincar de carrinho, ou de jogar futebol.

Na infância o convívio de uma criança com os pais, os amigos, a escola, e até mesmo outras pessoas que socializam com ela, acabam tendo uma influência muito grande sobre a constituição/educação/formação da mesma. Além dos familiares e pessoa próximas, fatores externos também acabam contribuindo ou interferindo no seu aprendizado, pois ela passa a obter informações (seja propositalmente ou não) como costumes nas formas de agir, de falar, de pensar, de movimentar-se, de comportar-se, de relacionar-se, entre outros aspectos que são agregadas a sua própria identidade.

Segundo Giroux (1995), citado por Rael (2008), os saberes são transmitidos por essas diversidades culturais, que têm uma participação na formação da identidade das crianças. Elas assistem aos desenhos, sem perceber que eles estão constituindo e ensinando o que é ser mulher, ser homem, ser criança, ser rico, ser pobre, etc. Essa ideia é apontada por Sabat (2003, p. 149), quando a autora diz que:

Em qualquer sociedade, os inúmeros artefatos educativos existentes têm como principal função com/formar os sujeitos, moldando-os de acordo com as normas sociais. Grande parte, por exemplo, televisão, cinema, revistas, livros ou histórias em quadrinhos. De qualquer forma, são revistos de característica ‘inocente’, como prazer e diversão, que também educam e produzem conhecimento.

Segundo Sabat (2003), quando vemos uma imagem publicitária, diversos significados são laçados em nossa mente, como forma de interpretação da mesma. Essa interpretação varia de pessoa para pessoa, onde, de acordo com a autora, a presença de textos ou legendas não anula o significado que o leitor teve sobre determinada imagem.

Um dos exemplos mencionados por essa autora se refere a uma propaganda de cera de sapato que anuncia:

É muito macho, mas faz limpeza de pele toda semana” e mais abaixo uma frase complementar “Para tratar e conservar o couro e devolver o brilho de seus sapatos [...] A pele do seu sapato nunca foi tão bem tratada. (SABAT, 2003, p.151)

A segunda frase complementa a primeira como se a frase de cima estivesse com algum problema, tanto que a propaganda faz questão de esclarecer a frase anterior, “explicando-se”. Ao ler a primeira frase temos uma mensagem de sentido ambíguo em que fica nas entre linhas, a dúvida dessa masculinidade, pois afinal está fazendo limpeza de pele. Dessa forma, é possível entender que seria um problema o homem ser vaidoso ou cuidadoso com ele mesmo. São propagandas assim que, muitas vezes, achamos engraçadas e que incorporamos o significado que interpretamos sobre ela, geralmente sem uma reflexão crítica de seu conteúdo.

Os homens vivem em um cotidiano onde todo homem é (ou deveria ser) másculo, em que seja forte, corajoso, viril. Assim, a ideia de ter um filho e vê-lo brincando de casinha, de boneca, ou dançar é algo que não se considera uma cena comum. Afinal de contas, o que os outros vão pensar? Porém, futuramente terão que enfrentar a realidade de uma profissão, de uma família... em que poderão ser pediatras, cozinheiros, faxineiros e possivelmente pais, que terão que lidar com afazeres considerados do sexo oposto, como ajudar nas tarefas domiciliares e cuidar dos filhos, e por que não incentivar esta ação desde a infância? A sociedade estipula que lugar de mulher é na cozinha, lugar de mulher é cuidar da casa e da família, e o papel do pai, qual seria? Seria só trabalhar? Só a mulher educaria e cuidaria dos filhos, além de trabalhar fora e manter a casa? Em um estudo de caso feito em algumas famílias por Fleck e Wagner (2003, p.36-37), apontam que:

As mulheres, mesmo estando por igual ou maior tempo que seus maridos fora do âmbito do lar, eram responsáveis pela maioria das atividades domésticas e pelos cuidados dos filhos. [...] E que apesar de já perceberem algumas transformações nos padrões e no funcionamento da família, muitos repetem o erro, principalmente pela divisão de papéis apreendidos e esperados socialmente que delegam funções específicas aos homens e às mulheres. [...] Apesar de muitas das mulheres saírem do âmbito do lar para trabalhar, dedicando-se a sua carreira e algumas contribuindo com a maior parte da renda, os homens não assumiram a responsabilidade pela esfera doméstica da mesma forma que as mulheres passaram a assumir a condição de principal provedora do sustento. Os esposos, nesses casos, auxiliavam nas tarefas relacionadas ao lar, mas não com a mesma responsabilidade feminina.

Então, como aponta Connell (1995, p. 189),

O gênero é também uma estrutura complexa, muito mais complexa do que as dicotomias dos ‘papéis de sexo’ ou a biologia reprodutiva sugeriram. Dois aspectos dessa complexidade são particularmente importantes para se pensar sobre masculinidade. Em primeiro lugar, diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; [...] em segundo lugar, qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória [...] O

fato da contradição faz com que seja essencial ter uma definição de masculinidade que não equacione gênero simplesmente com uma categoria de pessoas. Se a 'masculinidade' significasse simplesmente como uma característica dos homens, não poderíamos falar da feminilidade nos homens ou da masculinidade nas mulheres, e deixaríamos de compreender a dinâmica de gênero. O gênero é sempre uma estrutura contraditória. É isso que torna possível sua dinâmica histórica e impede que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias.

Este mesmo autor, afirma que a ideologia popular representa continuamente o gênero como aquilo que não muda, sendo estável e "natural". Esse padrão frequentemente chamado de "masculinidade tradicional", e vinculado à família tradicional, é uma forma de gênero historicamente recente, um produto do mundo atual. Como podemos perceber, o gênero está associado na grande maioria dos lugares em que vemos, seja em uma aula, em uma piada, em uma propaganda e entre outras milhões de possibilidades. Nesses espaços, geralmente a maioria afirma a figura de que mulher deve ser sensível, passiva, sentimental, e do lar e já o homem teria o papel de força, agilidade, iniciativa, firmeza, entre outras características (BUTLER 2003 APUD ANDREOLI 2010).

Essas afirmações delimitam e por vezes determinam comportamentos, pois tudo o que acaba fugindo dessas "regras", passa a ser encarado como estranho, anormal, e diferente, por exemplo, quando meninos e meninas acabam "trocando" essas características delimitadas para cada sexo, eles passam por certos preconceitos, causados pela sociedade, assim como, os meninos que participam uma dança mais calma e serena, e meninas que praticam alguma luta.

### **3.2. Dança seus significados e representações**

Leitão e Souza (1995) afirmam que a dança surgiu através dos gestos e movimentos que supriam as necessidades do homem primitivo, como modo de expressar as emoções, os sentimentos, além de ser uma forma de homenagear, e suplicar a seus Deuses, a própria sobrevivência.

De acordo com Lindiner e Rossini (2013), em um estudo sobre a Dança como linguagem corporal, os movimentos quando executados por si só, de forma aleatória, não significam necessariamente uma reprodução de dança, pois essa necessita de uma expressão, uma ligação de uma sequência corporal, para ser identificada como tal. Verderi (2000) citada por Lindiner e Rossini (2013), aponta que essa ligação entre os movimentos necessita da expressão do próprio indivíduo consigo mesmo e com o outro. Como complemento, Lindiner e Rossini (2013), falam que a ligação desses passos permite que as pessoas "leiam" e "escrevam" a dança, e que a partir desses movimentos efetuados de forma contínua acabam criando uma mensagem. A leitura dessa mensagem pode ser interpretada de diferentes modos, levando em consideração que a linguagem corporal de cada pessoa é particularmente única, assim como a experiência pessoal e suas respectivas culturas. Cada indivíduo tem maneiras diferenciadas de se expressar, e agir no mundo, isso devido à imagem que ele já tem construída dentro de si mesmo, onde toda ação desde correr, pular, abaixar, é reflexo dessa imagem interiorizada, fazendo um diálogo com seu próprio corpo.

O indivíduo através do movimento acaba tendo um contato com seu corpo, com suas capacidades e a sua relação com o próximo, que acaba se comunicando e expressando seus sentimentos e emoções. Porém, para expressar seus movimentos na

dança, é necessário que cada um desenvolva sensibilidade, percepção de seus movimentos, autoconhecimento, suas possibilidades e expressões corporais.

É você saber exatamente o que é e como é seu corpo, além do que ele é capaz de realizar em termos de movimento. Conhecer o seu próprio corpo, seus limites e possibilidades subsidiam o indivíduo a conhecer as possíveis formas de expressão (LINDINER; ROSSINI, 2013, p. 23).

A dança é algo contagiante, é nela que a linguagem surge como algo que fala em silêncio, é uma forma corporal de expressar ou significar ações, possibilitando inúmeras sensações, leituras de movimentos e diversas interpretações de quem observa.

As autoras Lindiner e Rossini (2013) afirmam que a dança se apresenta como linguagem corporal, desde o seu surgimento, aos quais seus registros são encontrados em cavernas e documentos. Nesse sentido, segundo Andreoli (2010), a dança é algo que surge na e pela linguagem, e por ter no corpo em movimento o principal modo de manifestação, a dança está fortemente ligada aos processos de linguagem que operam na construção cultural do corpo. Nessa construção temos a linguagem e o movimento, ao qual a desigualdade de gênero surge como algo que evidencia as diferentes maneiras de se movimentar/manifestar os corpos de homens e mulheres.

A história da dança demonstra que ela não era vivência absoluta do sexo feminino. A esse respeito o autor Andreoli (2011, p.161) expõe que:

No século XV, até o século XVIII, o balé clássico operou por muito tempo uma eficiente pedagogia da masculinidade. Ao lado da esgrima e outras práticas corporais, era um meio eficaz para ‘formar’ homens - isto é, para generificar corpos masculinos [...] A sociedade, nessa época, considerava a dança uma atividade masculina natural.

Nessa direção, também as autoras Assis e Saraiva (2013) explicam que no período da renascença do século XVI, o balé era apenas dançado pelos homens, que começaram a se travestir para os papéis femininos, pois até então, as mulheres ainda eram apenas plateia. A Renascença deu à dança uma nova visão crítica do mundo, especialmente nos planos artístico, cultural e filosófico.

As autoras explicam que o balé surgiu na Itália, tendo seu apogeu na França, onde a dança servia como entretenimento para a corte, mas que, além disso, fazia parte da educação dos jovens da elite que desejavam aumentar o seu prestígio, e uma das formas de conseguir, era encorajar as artes e a cultura. As autoras ainda falam que estudos apontam que a cultura ocidental passou a comparar o homem que dança profissionalmente com a homossexualidade e efeminação, depois da era do Rei Luís XIV de Bourbon (1638-1715). Para Siqueira (2006) e Anderson (1978) citado por Assis e Saraiva (2013) foi no século XVIII, que as bailarinas começaram a se destacar, ocupando nos espetáculos os principais lugares, que até então era concebida de acordo com o corpo masculino. Nos séculos XVIII e XIX, houve uma desvalorização na dança, causadas pelas revoluções francesa e industrial, onde o corpo passou a ser um instrumento principal de produção, a dança passou a não ser mais atrativa para os homens, devido à baixa remuneração da profissão, ao qual renunciaram a mesma, passando a oportunidade de ingresso para as mulheres.

Conforme Andreoli (2011), nessa época, inicia a distinção entre homossexualidade e heterossexualidade, e novas normas são estabelecidas para o gênero e a sexualidade masculina. A homossexualidade significava um desvio da natureza, e era encarada como uma sexualidade rebaixada, assim como também se

formou signo de um gênero que apresentava a falta do homem másculo. A partir de então surge um novo conceito da representação de masculino, onde o modelo ideal era um homem másculo, vigoroso, e para ter ascensão nessa nova proposta, era necessário se livrar do antigo modelo, considerado como inferior e antiquado. Por meio disso a homofobia passou a operar como um mecanismo privilegiado dentro desta estratégia para regular a masculinidade.

O balé, com a sua estética originária de um modo de se movimentar da nobreza do século XVIII e, portanto, do modelo de masculinidade anterior, passa a ser um dos símbolos que essa nova representação procurou negar. Assim, foi do interesse em sustentar esse novo modelo hegemônico de masculinidade que surgiram representações que construíram a noção de que homens que se aproximam da dança não são totalmente homens. [...] Com essa desvalorização da dança como atividade masculina, o balé passou a ser associado ao feminino, ocorrendo assim a inversão. Surgiu o romantismo estético no balé, que tomou a mulher como figura central do palco, e introduziu algumas mudanças, como, por exemplo, a sapatilha de pontas (ANDREOLI, 2011, p. 162-163).

Embora as mulheres parecessem reinar nos palcos, na dança e na sociedade o domínio ainda era do homem, eles tinham o poder determinando praticamente todas as normas sobre cada papel. Fato que, muitas vezes, ainda acontece nos dias atuais.

### **3.3 Gênero, Dança e Educação Física**

A sociedade em que estamos inseridos, está na maioria das vezes, pautada em relações conservadoras, onde a mulher (mesmo as que têm uma profissão e trabalham fora) permanece sendo a responsável pela organização e arrumação da casa, dos filhos e ainda de servir ao marido. Leitão e Souza (1995) afirmam que muitos de nossos costumes, modo de agir e pensar ainda estão muito enraizados em um passado conservador, sendo retrógrado e antigo, quando comparados a nossa atualidade. Se seguirmos esse pensamento conservador (que é o que ocorre geralmente), se tem nítido que a dança é algo pertencente e exclusivo ao sexo feminino, devido sua delicadeza, calma, desenvoltura, características estas que não são compatíveis com o que se considera de um homem másculo.

Os artigos “Vozes de meninos adolescentes, e Reflexões sobre a dança e os meninos”, ambos da autora Suzan Stinson (1998b), fazem uma reflexão sobre a dança e a presença da figura masculina nesta prática, ela aborda os pré-conceitos vistos a partir do olhar da sociedade, assim como os pré-conceitos dos próprios meninos que dançam. Neste primeiro artigo ela dá voz a esses meninos através de uma discussão e depoimentos realizados pelos mesmos, trazendo a questão do gênero, os estereótipos e preconceitos referente ao homem que dança, devido à percepção de ser uma prática pertencente ao público feminino. A autora conclui que um motivo dessa escassez de alunos meninos nas aulas, está ligado diretamente com a homofobia e ao status inferior da mulher na sociedade.

Na história da Educação Física não é diferente, pois mostra que ela sempre foi discriminatória, mantendo os papéis sexuais distintos e determinados, caracterizando, deste modo, os comportamentos tipicamente femininos e masculinos (CARDOSO, 1994 citado por LEITÃO E SOUZA, 1995, p. 79). Corroborando com esta ideia Saraiva (2002) aponta:



Os estudos que encaminharam para a compreensão desta história de diferenciação entre a prática de alunos e de alunas, na educação física brasileira começaram no final dos anos oitenta, onde as pesquisas eram apoiadas teoricamente nos estudos sobre a mulher, e por sua vez em décadas anteriores, tiveram seus estudos desenvolvidos, especialmente, pela Antropologia e História, tratando do problema da estereotipia e dos papéis sociais diferenciados para os sexos. A preocupação central desses estudos, primeiramente, pelos movimentos feministas, é marcada pelo interesse no desvelamento de relações de poder entre masculino e feminino, que sempre existiram em detrimento do valor social da mulher. Posteriormente, o conceito de gênero “cresce” como categoria de análise histórica que ajuda a desvelar as imposições culturais sobre corpos sexuados.

Segundo Saraiva (1999), a discriminação sexual nas aulas de Educação Física é resultado das consciências estereotipadas dos alunos, que ocorre na socialização dos mesmos, interferindo na prática educativa. Devido a essa diferenciação entre as práticas, as aulas de Educação Física enfrentam muitos problemas delicados referentes ao gênero e sexualidade, muitos deles interligados pela constante divisão dos sexos nas práticas, fundamentando mais a ideia de ações de meninas e de meninos. A Educação Física devia ser compreendida como uma aula rica em movimentos e experiências, nas quais os conteúdos trabalhados permitem uma maior liberdade do corpo, movimentos, e gesticulações, assim automaticamente a aula passa a envolver um contato corporal maior entre os homens e mulheres (o que em outras aulas isso aparece com menor frequência). Em muitos casos surgem problemáticas sobre essa certa aproximação, em relação aos corpos que não têm o costume de ficar tão próximos, podendo ocasionar situações de preconceitos, *bullying* e vergonha. Outro problema resultante da diferenciação de gênero encontrado na Educação Física é o famoso “rola bola”, em que o objetivo é fragmentar ainda mais os alunos por sexo, afirmando as classificações de “prática de menino e prática de menina”. Neste contexto, o professor joga a bola de futebol para os meninos se divertirem, e para as meninas a bola de vôlei, ou apenas as deixam fazerem qualquer outra coisa, conhecido mais como hora livre.

Essa segregação de práticas ocorre desde muito tempo, pois o esporte (principalmente o futebol) sempre foi associado como sinônimo de Educação Física. Com o futebol fazendo o papel principal das aulas de Educação Física, os alunos passam a ter certa negação aos outros conteúdos apresentados, principalmente quando se trata da dança, pois a consideram uma prática de meninas. Os homens precisam, de certa forma, “provar” sua masculinidade, e a dança não se encaixa como modelo para isto, entretanto o esporte recebe a associação direta.

As abordagens que temos na literatura sobre o tema gênero e a sua relação com a dança está crescendo, mas mesmo assim é pouca, sendo uma ocorrência importante para a discussão e entendimento da população, considerando que seria de extrema importância ser um conteúdo estudado como forma de desconstrução de movimentos estereotipados<sup>2</sup> e carregados de preconceitos perante a sociedade em que vivemos, pois,

---

<sup>2</sup> O enfoque da instalação do estereótipo observa que pessoas, inicialmente, imaginam e definem o mundo e em seguida o observam. A interpretação estaria fundamentalmente associada à cultura, que determinaria de forma estereotipada a noção interna sobre o mundo externo. Assim, já haveria uma opinião formada, de acordo com os códigos da cultura, para se analisar o mundo antes mesmo de observá-lo. O mundo estaria ordenado por códigos, passados de geração a geração, favorecendo a estereotipia, que por função

a dança é uma manifestação cultural e artística que ocupa um lugar fundamental na vida humana.

O estereótipo, de forma simplificada, é o conjunto de características que ‘definem’ o papel do indivíduo, enquanto o papel é o conjunto de comportamentos esperados desse indivíduo (SARAIVA, 1999, p. 34).

Com bases nesses papéis, a sociedade espera pessoas com os mesmos tipos de comportamentos e atitudes, mas quando não atendida, passa a julgar, criticar e até mesmo ofender homens e mulheres que fogem deste “padrão estabelecido”. Assim, frequentemente as pessoas julgam uns aos outros pelo que são ou pelo desejam ser, sejam homens na dança, nos serviços domésticos, ou as mulheres jogando futebol. As pessoas têm sentimentos, têm desejos e também escolhas, podem e são livres para vivenciar sensações diversas, para adquirir experiência, aprendizagem e novas culturas.

---

defenderia as tradições culturais e posições sociais, infundado sobre algo e é geralmente depreciativo, que as pessoas se baseiam em opiniões alheias e as tomam como verdadeiras. (GUERRA, 2002, p. 239)

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Trajetória dos dançantes

Por meio desse estudo qualitativo, irei compartilhar com vocês leitores, algumas declarações feitas por seis homens que optaram ser identificados pelo próprio nome, sendo que um deles preferiu o apelido pelo qual é conhecido. Cada participante da pesquisa está vinculado a uma modalidade de dança diferente, exceto na dança de salão que tiveram dois integrantes com o mesmo estilo, o tempo de vivência com dança também difere, esses dados estão organizados no quadro a seguir:

Quadro 1: identificação dos participantes

Nome	Alexsandro	Dudu	Fernando	Magno	Thulio	Rodrigo
<b>Tempo de vivência com dança</b>	13 anos	04 anos	14 anos	23 anos	15 anos	11 anos
<b>Estilo de dança</b>	Jazz	Street Dance	Sapateado	Dança de Salão	Balé	Dança de Salão
<b>Profissional / praticante de dança</b>	Profissional	Praticante	Profissional	Profissional	Profissional	Profissional
<b>Estilos que já dançou</b>	Danças urbanas (Hip Hop); Danças latinas; Jazz; Balé Contemporâneo	Danças urbanas (Break); Dança de salão; Contemporâneo	Sapateado; Street dance; Jazz; Tango; Balé.	Jazz; Balé contemporâneo; Hip Hop; Dança de salão.	Dança gaúcha; Balé clássico; Dança de salão; Sapateado; Jazz; Hip Hop Dança Contemporânea	Dança de salão; Balé clássico; Contemporâneo; Danças Urbanas; Sapateado; Jazz
<b>Escola a qual tem vínculo (A OU B)</b>	A	B	A	B	A	A e B

Sobre a trajetória dos participantes com a dança, foi perguntado a eles por que ingressaram na dança? Alexsandro e Magno afirmaram que começaram se interessando pela prática, por influência das irmãs. Dudu e Thulio relatam que após visualizarem um espetáculo/apresentação, se apaixonaram desde então pela dança. Já Fernando diz que a oportunidade surgiu através de um convite, para participar de um musical denominado “Vozes da primavera”, que se tratava das cenas mais famosas de musicais do século XX, e foi aí que ele encontrou pela primeira vez, aos nove anos de idade, o sapateado e nunca mais parou, ele ainda lembra: “A minha mãe disse que quando eu vi aquilo eu fiquei muito louco (risos)”.

O Rodrigo, desde que nasceu era movido pela arte “ [...] a minha mãe falava que com dois anos quando ela botava música na TV, eu me grudava na frente e começava a dançar, ela falou que sabia que eu ia trabalhar com música ou eu ia trabalhar com dança, que seria com arte de alguma maneira”. Ele relata que na época ainda não tinha idade suficiente, e sua tia que já fazia dança de salão, esperou ele completar 12 anos, para leva-lo para sua primeira aula, “[...] aí eu comecei a dançar e não consegui mais largar”.

A partir desses relatos podemos entender um pouco dos motivos, que levaram esses homens (até então a maioria quando crianças), a percorrerem esse caminho da dança. Nas entrevistas os próprios dançarinos comentaram sobre as dificuldades que passaram ao optarem por essa prática, como por exemplo, em um dos relatos de Alexandro. Ele diz que aos 13 anos começou a fazer aula de dança, e que nessa aula tinha algumas garotas da escola em que ele frequentava, no qual teve um dia em que uma delas comentou no colégio que ele estava dançando. Houve alguns meninos do ensino médio que começaram a incomodá-lo dizendo “*Ah você tá dançando, não é coisa de homem*” logo após esse ocorrido, Alexandro relata que ficou apenas duas semanas nesse grupo, e depois saiu por vergonha, e também pelo fato de ser o único menino, em um grupo de mais ou menos 20 meninas, e mesmo sendo algo que ele gostava muito na época, a pressão o fez desistir, retornando aos 15 anos (dois anos depois do ocorrido) e nunca mais parou de dançar.

Esse caminho (da dança) frequentemente vem carregado de complicações, afetando os sujeitos emocionalmente, e fazendo com que reprimam essa paixão, pelo fato de isso ser considerado anormal ou contra o comportamento esperado socialmente. São “regras” estipuladas por uma sociedade manipuladora devido a sua característica preconceituosa, em que, muitas vezes, esses indivíduos são julgados por fazerem algo que não é considerado como papel de homem, mas sim papel da mulher. Alguns acabam lutando até mesmo contra uma visão preconceituosa dos próprios familiares e amigos. Sobre este aspecto, Connel (1995, p. 190), refere-se do seguinte modo:

Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto, a pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia e, finalmente, dos empregadores. A maioria dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repreensão de seus sentimentos. [...] Gênero é como um molde social cuja marca é estampada na criança, como se as personalidades masculinas saíssem, como numa fábrica de chocolate, da ponta de uma esteira. Isso subestima de forma lamentável a energia, a atividade e a dimensão ativa de uma pessoa em crescimento. Essa visão subestima os prazeres e as emoções de se entrar num mundo generificado (gendered) e de se apropriar da masculinidade.

É curioso, pois anos após anos que se passam e apesar das dificuldades, a paixão por essa prática continua intacta, mas, afinal o que alimenta essa paixão? O que faz com que esses homens continuem dançando? Fiz essa pergunta aos participantes, e através desta, todos os entrevistados abordaram sobre a importância da dança em suas vidas, ao qual trataram desse tema com tamanha cautela e cuidado, como se estivessem se referindo a uma pessoa. Todos os entrevistados citam em suas respostas, palavras como: liberdade de expressão, essencial, “vício”, “dependência”, enfatizando a dança como algo realmente valioso em suas vidas.

Alexandro, Fernando, e Rodrigo relatam no começo das respostas, sobre a complexidade que contempla esta pergunta. O Rodrigo, por exemplo, já dança há 11 anos, e falou “*É, essa pergunta é complicada (risos). É meio um vício, é difícil de largar, quando tu começa e uma coisa vai puxando a outra e te trazendo para outros lugares. Eu comecei muito porque eu gostava, era uma coisa que eu me soltava, era outro ambiente*”. Alexandro e Dudu comentaram sobre a liberdade de expressão que a dança permite, causando um bem-estar em suas vidas. Thulio declara o seguinte: “*Eu*

*digo que a dança é um vício bom (risos), [...] O nosso corpo pede, a nossa alma pede, então a gente não consegue ficar parado [...]*”.

Por sua vez, Fernando que está há 14 anos no sapateado, responde:

*Essa é uma pergunta difícil (risos). Eu permaneço por que acabou se tornando uma coisa essencial na vida [...] no começo era um hobby [...] de um hobby foi para uma coisa um pouco mais séria, quando eu vi, eu já queria seguir profissionalmente. Eu sigo agora por esse sonho de seguir profissionalmente com isso, mas ao mesmo tempo se não der, é uma coisa que me alimenta a alma.*

A dança se tornou algo muito significativo na vida desses dançarinos, onde muitas experiências acabaram agregando tanto valor, que se tornam suas próprias fontes de renda, mas que mesmo amando o que fazem, falaram da dificuldade de ter a dança como profissão, como no relato de Magno (o entrevistado com maior tempo de experiência na área).

*[...] não dá para parar. Parar, eu já pensei várias vezes, mas, muito mais pela questão financeira, porque viver de arte não é fácil, ainda mais no Brasil, e a dança é uma área bem pouco valorizada, então parar, se pensa, mas, não se consegue [...] quem gosta, quem dá aula de dança, vive de dança é porque realmente gosta muito, não é para ficar rico, pode ficar conhecido, famoso, mas, rico não fica.*

Além da desvalorização da profissão, ainda surgem comentários preconceituosos pelas pessoas, que acabam julgando como se isso não fosse um trabalho. Dudu comenta que quando ele começou a trabalhar com a dança as pessoas perguntavam: “*Com que você trabalha?*” E ele respondia que era com a dança, e elas logo complementavam “*Mas o que você faz?*” Como se ele não tivesse respondido a primeira pergunta. Thulio responde a essa questão de forma divertida

*[...] a pessoa pode gostar da dança, fazer por hobby, mas para seguir carreira tem que amar, por que a gente encara muitas coisas, [...] passamos por situações que dá vontade de desistir, da vontade de ir embora, dá vontade de chorar, dá vontade de... matar um (risos).*

Além das pessoas em geral, Rodrigo comenta sobre a família, falando da visão do pai sobre a sua profissão.

*[...] ele acha que eu não trabalho, que não é um trabalho, meu pai é meio ortodoxo, bem visão empresarial, então... ele julga que a minha profissão era uma brincadeira, ia lá me divertir, e sempre pergunta quando é que eu vou pensar no meu futuro realmente, quando é que eu vou começar a trabalhar, é essa visão que ele tem.*

Segundo Connell (1995), o processo de educação de homens e mulheres implica em um processo de ensino aprendizagem de valores, atitudes de vida e até de posturas corporais distintas para cada sexo. E é isso que ocorre, pois se o homem que dança por *hobby* já é considerado algo errôneo, imagina trabalhar com a dança como algo provedor de sustento, ainda mais nessa sociedade capitalista, onde é o homem que deve ocupar cargos elevados e dignos dele, e não fazer da dança (uma prática considerada da mulher) a sua fonte de renda.

Cada entrevistado falou um pouco sobre o significado que a dança representa em suas vidas, Aleksandro, por exemplo, disse:

*[...] acredito que é expressão, expressão é como eu falei antes, é tudo o que pode ter algum significado, mesmo que em muitas vezes já abstrato como a dança, é muito particular, acho que cada um entende de uma forma, vê de alguma forma o movimento, o gesto, eu acho que para quem está dançando aquilo, é primordial, libertador.*

Fernando faz várias voltas tentando explicar o significado da dança para ele, e conclui: “Qual o significado da dança na minha vida? Ela é o significado da minha vida! Ponto não tem mais (Risos) estou satisfeítssimo com ela (risos)”. Rodrigo afirma sobre a dança: “É tudo para mim, porque eu comecei muito novo então ela foi muito formadora do meu caráter, da forma com que eu lido com as coisas de hoje em dia”. Thulio seguiu a mesma linha de raciocínio: “Existe uma palavra que eu gosto de descrever a dança no geral: Ensino, a dança me ensinou muita coisa, tanto no dia-a-dia, quanto tratar um amigo, quanto nas [...] responsabilidades”.

Magno relata que passou algumas dificuldades, ficando dois anos sem conseguir dançar, por motivo de saúde, e que mesmo assim não deixou a dança, como relata a seguir:

*[...] eu fiquei dois anos de muleta, então foram dois anos que eu não consegui dançar direito, [...] quando a gente passa por algumas coisas assim e não desiste, não para, é porque [...] a dança realmente significa tudo, não é só meu trabalho, é realmente o que eu gosto de fazer.*

Em nossa sociedade a dança é considerada uma prática predominantemente exclusiva para as mulheres, justamente por ser uma ação que lida com a delicadeza, emoção, sentimentos, características essas que são denominadas como coisa de mulher.

#### **4.2 Eu, tu, eles (homens que dançam)**

Os homens que dançam, geralmente acabam sendo vítimas do olhar preconceituoso da sociedade, que tem essa visão, e muitos nem se arriscam com medo do que afinal os outros vão pensar? Como em um depoimento de Alexsandro: “[...] mesmo tendo alguns casos de pessoas, de homens que tem talento para dança, e que não querem continuar por conta da sociedade, e acontece isso”. Todos os entrevistados afirmaram que já sofreram algum tipo de preconceito, alguns mais, outros menos, mas todos passaram por essa situação, simplesmente por dançarem, tanto por parte de pessoas estranhas, como também por amigos e/ou familiares.

Alexsandro relata que teve um pouco de preconceito da família principalmente do pai e da mãe que demoraram um pouco para aceitar. Referente aos amigos ele disse que como a maioria deles eram dessa área, não enfrentou muito preconceito. Mas, comenta que há pouco tempo entrou para o curso de Educação Física e então quando ele comentou que fazia dança, sentiu certa pressão como relatado:

*[...] porque eu era o único menino na sala, de 57 pessoas, que dançava, eu fiquei meio assim, mas eu falei uai! É meu trabalho, é o que eu amo fazer, [...] pode ser mal interpretado por mim, mas em alguns casos a gente sente, não adianta, mas ainda tem um pouco de não aceitação de homem que dança.*

Dudu, todavia, comenta: “[...] Tinha muitos amigos meus da escola que me zuavam: “Ah tu é bailarino, tu é viado”, como se isso fosse ruim, como se isso fosse um problema. É engraçado porque você vai percebendo esses estereótipos que não tem sentido nenhum. Da família também, a mesma coisa, o mesmo tipo de comentário e o

*mesmo tipo de olhar*”. Segundo Saraiva (1999, p. 34), “O estereótipo, de forma simplificada, é o conjunto de características que ‘definem’ o papel do indivíduo, enquanto o papel é o conjunto de comportamentos esperados desse indivíduo”.

Thulio comenta sobre essa norma de comportamento já esperado, na qual uma pessoa tem que ser igual à outra, e fazer os mesmos tipos de coisa:

*A gente sempre sofre preconceito [...] o que sempre, mais me entristeceu foi da família, 'ah você faz dança, mas, seu primo faz isso, seu primo anda de skate' eu via muito no olhar dos meus tios que eu tinha que ser igual, e não no olhar dos meus primos [...] a mente podre não é das crianças, é dos adultos [...] querer que uma criança seja igual à outra, e ninguém é igual a ninguém [...] mas o que me influenciava também, que até meu pai brigava muito com meu avô [...] que meu avô era do interior do Paraná, nunca tinha visto ballet na vida dele, mas que ele gostava que eu fosse para a aula, 'não, você vai seguir carreira! Que é isso que você quer' então até quando eu fui para o Rio de Janeiro ele ajudava me bancar [...] ele me ajudou muito. E eu sempre falo, o meu pai que é um doutor, não tem a cabeça do meu vô que era analfabeto, que nasceu lá no interior do Paraná, e me deu apoio. Hoje em dia meu pai mudou muito comigo, mas teve tempos tensos [...].*

Fernando relatou que a família e os amigos mais próximos sempre o apoiaram, mas que mesmo assim aconteceram casos de preconceito.

*Passei por bullying na época que eu fazia dança. Na própria turma de sapateado tinham umas meninas que me enchiam o saco, chorei muito por causa disso, minha professora sempre me incentivou, ela falava manda 'to\*\*\*\*\*' (risos). Acabei aprendendo a conviver com isso, na minha escola também eu lembro de algumas meninas falarem, mas era raro, as pessoas respeitavam, no geral [...].*

Ao indagar Rodrigo se ele sofreu algum tipo de preconceito, ele comentou que:

*[...] do meu pai né (risos), é porque eu não sou muito de ligar, eu sou muito diplomático, acho que levo tudo numa boa, [...] mas meu pai até hoje me afeta muito [...] meu pai foi muito crítico quando eu comecei a dançar, porque eu não tinha essa visão, eu era inocente quanto a isso, mas meu pai, ele me colocou isso na cabeça 'ah dança, dança é coisa para viado, para gay, e tu vai fazer isso? E tu vai virar gay?' Enfim antes era pelo lado do preconceito sexual, que talvez hoje ele lide melhor, não sei bem, ele surpreende ainda às vezes, mas tem o preconceito quanto ao trabalho profissional, ser ou fazer profissional. Ele julga que não é um trabalho, ele não conhece, ele acha que a vida dos artistas é fácil. Mas é isso, ele passou de uma coisa meio homofóbica, para uma questão de classe, não sei como chamar, é isso.*

Magno disse que não se afetava pelos preconceitos, mas, afirma “[...] sempre sofri muito preconceito, como falei, no colégio chegou uma criança de 9 anos que falava que fazia dança, ‘ai balé’, porque parece que só existia o balé né, mas nenhum outro tipo de dança”. Em muitos estilos de danças, podemos perceber movimentos estereotipados, como por exemplo, no balé onde os movimentos predominantes são suaves e delicados. Devido a essas características, essa dança acaba sendo classificada

como prática das meninas, assim como o Hip Hop, representa a prática mais para os meninos, já que demonstra movimentos bruscos e de agilidade.

Essas características da figura masculina e da feminina nessas danças são predominantes, e acabam não deixando espaço para a vivência de todos, pois muitos dos homens que dançam balé passam a ser considerados homossexuais, devido a movimentos com “delicadeza”, assim como as mulheres que passam a ter movimentos “bruscos” em outras danças e vivências. Neste sentido, Linder e Rossini (2013, p. 22) apontam que:

Os indivíduos ‘leem’ e ‘escrevem’ a dança a partir da ligação de um movimento ao outro, obtendo frases de movimentos que codificam a mensagem. A leitura é desenvolvida na perspectiva da cultura e da experiência pessoal de cada leitor.

E ainda, Magno continua falando sobre a questão do preconceito:

*[...] teve uma vez que devido todos esses problemas financeiros da dança, eu tive que trabalhar de caixa num supermercado, e o cara descobriu que eu era professor de dança e daí falou ‘Ah tu é dançarino é? hummm dançarino sei...’ eu fiquei, ‘dançarino sei o quê?’, (risos) e até brinquei, respondi a brincadeira, ‘tu é casado?’ aí ele disse: ‘sim sou casado’, ‘deixa a tua mulher dançar uma música comigo então’ (risos) [...]. Todo mundo riu, ‘aí ó foi tirar o cara, e ele te zuou’, daí todo mundo falou ‘ah deixa tua mulher dançar com ele, vai vamos lá, porque ele é gay pô, ele é dançarino’. Mas não me afetou assim, nunca me afetou.*

Podemos ver nessa fala a forma como o machismo<sup>3</sup> é abordado (em ambos os indivíduos), no qual, também, podemos ver que o preconceito vem de brincadeiras consideradas inofensivas, que podem ocorrer em qualquer lugar e que muitas vezes ocorrem com certa naturalidade. Percebe-se que Magno respondeu ao cliente usando de percepção machista, como ele fez para afetá-lo. Fiquei pensativa sobre este fato ter contribuído ou não, para que o cliente (re)pensasse a respeito deste assunto.

Mas, os preconceitos citados acima não vêm somente de fora, ou de outras pessoas, mas, muitas vezes dos próprios dançarinos. Perguntamos aos entrevistados se antes de fazer aulas, eles tinham algum preconceito quanto ao homem que dançava, e se isso mudou depois de começar a dançar. Magno e Fernando falaram que antes de dançar, eles tinham sim, preconceito quanto ao homem que dançava, como por exemplo, na fala de Magno:

*[...] meu pensamento sempre foi muito preconceituoso e machista, porque a dança de salão principalmente, sempre foi muito machista, o homem tem que ser homem, a mulher tem que ser mulher, o homem que manda, a mulher que faz, e aí graças a Deus a evolução foi acontecendo.*

Fernando diz que também tinha preconceito, mas, fala que somos levados a pensar assim:

*[...] eu achava estranho o lance de homem, dançar e fazer balé, por causa disso, que a gente é construído para pensar que o cara que usar collant é um gay [...] eu lembro que logo que eu entrei no sapateado*

---

<sup>3</sup> Machismo é uma atitude ou comportamento de quem não admite a igualdade de direitos para o homem e a mulher, sendo, assim, ação contrária ao feminismo. Qualidade, ação ou modos de macho; macheza (MICHAELIS, 2008, p. 535).



*minha professora falou para eu fazer balé, e por causa disso eu fiquei meio 'ah não sei se vou fazer', por vergonha, por medo de isso mexer sei lá, na minha masculinidade ou qualquer coisa do tipo.*

Mas, Fernando explica que logo no começo, ele foi amadurecendo com as experiências e mudando o modo de pensar e ainda complementa:

*[...] hoje em dia para mim, quanto mais tiver todas aquelas coisas que eu achava estranho no começo, [...] mais legal é. Porque não é qualquer um que vai vestir um collant, sabe? E acho que tudo isso significa para mim, homens bailarinos e usando collant, e representando realmente o papel deles ali, acho que isso simboliza uma força, e que é bem legal.*

Fernando diz que esses estereótipos quanto à roupa, ao collant, são bem presentes nas falas dele, pois lembra de ter sido problema muito frequente em sua infância. Os demais participantes disseram que nunca tiveram problemas quanto a isso e que sempre acharam legal a presença dos homens na dança, assim como fala Alessandro:

*Eu não tinha nenhum tipo de preconceito, até porque sempre fui bastante ligado à questão artística, tanto de música, de canto. Tanto que na escola eu participava do coral, mas o coral era engraçado, que era uma coisa que os meninos participavam, mas na dança não. Soltar quadril, ou alguma coisa assim era muito difícil para os meninos.*

Os entrevistados defendem os homens que dançam ultimamente, e consideram uma atitude firme e corajosa. Sobre isso Rodrigo afirma que:

*Eu acho que são verdadeiros guerreiros, porque como a gente vive em uma sociedade que é preconceituosa nesse sentido, infelizmente! Eu acho que dão a cara à tapa para dizer é isso que eu gosto! É isso que eu quero fazer, e vamos em frente!*

Veja abaixo o relato de Magno, sobre o que ele pensa atualmente sobre os homens que dançam:

*Eu acho que são inteligentes (risos), por que se tem algo que eu aprendi nesses 23 anos é que mulher gosta muito de homem que sabe dançar. Existem muitas mulheres que fazem aula particular, porque o marido não dança e elas são frustradas, porque o cara não dança, não acompanha ela. Então o marido que acompanha a esposa numa aula de dança é algo que pode melhorar muito o relacionamento.*

Isso muitas vezes ocorre porque o homem não admite essa ação, não consegue (talvez nem tente) superar seu próprio preconceito, ou também, por medo de não conseguir lidar com o preconceito que poderá sofrer, caso venha a optar pela prática. Isso frequentemente acaba refletindo em suas parceiras de vida, pois como os entrevistados falam, para a mulher desde sempre foi muito presente, então as mulheres que desde cedo praticam a dança, não irão aceitar se desprender dela, por conta de o marido não aceitar. Muitas vezes o marido rejeita a possibilidade de dançar, mas também as vezes acaba impedindo que a mulher dance com outros homens por ciúmes.

O que acaba se concretizando, que Magno comenta, é que tem muita procura das mulheres por aulas particulares, pois amam a dança e se sentem frustradas por não dançarem, ou não poderem dançar. Assim como acontece também, em que o homem vai

com a sua esposa, namorada, em aulas particulares, pelo menos até aprender o básico, afim de evitar constrangimentos em uma turma. Percebe-se que os homens têm muitas dificuldades em rebolar, em fazer os movimentos que não são acostumados, então muitos têm medo de se soltar e parecerem se sentir ridículos, desengonçados, com medo de que os outros riem dele.

Geralmente as ofensas e xingamentos ocorrem através da comparação entre ser uma prática de garota, na qual a figura do homossexual aparece com frequência. Fernando descreve sobre a sexualidade do indivíduo que é colocada em dúvida:

*Com relação à sexualidade, rola um preconceito muito grande, 'Ah você dança, então não sei direito do que realmente você gosta', as pessoas automaticamente associam a isso. E aí, rola uma frustração nesse âmbito. As pessoas podem pensar o que elas quiserem, o chato é que de vez em quando você está afim, por exemplo, de ficar com uma menina, e ela talvez não vá ficar contigo porque ela acha que tu é gay (risos) e você fica [...] frustrado, mas, o que eu vou fazer! Mas ao mesmo tempo eu acho que isso também leva a gente a se relacionar com pessoas que não tem esse tipo de preconceito, que entendem.*

Percebe-se que eles buscam se relacionar com pessoas que têm um entendimento desta questão, que não julgam as pessoas pelo o que elas fazem, ou desejam fazer, o que acontece nesse processo é que os processos educacionais, em sua grande maioria, ajudam a construir esse tipo de ideia, e poucos reagem com estranhamento, como por exemplo, em uma frase em que Magno explica “*Para tudo se tem um rótulo, a mulher já sabe dançar, o homem não sabe, exatamente pela cultura, meninas irão fazer balé, os meninos irão para o futebol ou fazer arte Marcial [...] Para tudo se tem um rótulo, 'ah quem dança é gay, mulher que joga futebol é lésbica', e por aí vai*”.

Após os entrevistados falarem sobre algumas situações de preconceito que enfrentaram, ou ainda enfrentam no dia a dia, perguntei o porquê eles acham que isso ocorre, porque isso se torna tão corriqueiro? Por que os homens geralmente optam por outras práticas e não pela dança? Em todas as respostas foi possível identificar a influência da cultura através da construção social, e a não aceitação da sociedade a esse tipo de prática para homens.

Dudu comenta sobre as segregações de cores, brinquedos e até mesmo de atividades, para os sexos “*Acho que é uma construção social, a menininha veste Rosa, ela brinca com a boneca, ela faz dança, o menino veste azul, joga bola, e faz lutas [...]*”. Seguindo a mesma linha de raciocínio Alexsandro fala que a não aceitação da sociedade, faz com que os meninos optem por outras práticas: “*Eu acho que é [...] pela facilidade de aceitação da sociedade que a gente vive, é de aceitar que jogar futebol é normal, e que dança... dançar não é algo normal para homem*”. E isso começa desde muito cedo, como se refere Butler (2003) citado por Andreoli (2010, p.111) na passagem a seguir:

O gênero começa a ser regulado, por exemplo, desde que se anuncia que é menino ou menina. Esse anúncio determina uma cadeia de atos de linguagens, criando um discurso coercitivo em relação ao gênero que visa moldar o corpo e a forma como o indivíduo viverá: por exemplo, o controle de roupa que a criança poderá usar as cores, os brinquedos, etc. ().

Fernando aborda outro fator importante que se faz presente, e que ajuda a caracterizar esse preconceito que é a questão da sensibilidade, a emoção quando vindas de homens:

*Eu acho que é mais ou menos por causa disso, que envolve um pouco da questão de afirmar a masculinidade entre aspas [...]. A arte em geral envolve uma sensibilidade do ser humano, e a dança como ela lida com movimento tem uma hora que tu vai ter que botar tua sensibilidade, tua delicadeza no movimento. Só que [...] os meninos, os homens provavelmente procuram uma coisa mais rude, sei lá, mais forte, então talvez seja isso mais em esporte, ou em outras atividades. Que na verdade é um baita de um erro, por que a pessoa que faz balé clássico provavelmente sofre, [...] tanto quanto qualquer outro esportista, porque é uma parada que exige do teu corpo, que exige força, que exige dedicação, persistência. Nunca esqueço que teve uma época, logo no começo que eu comecei com uma amiga minha da escola a fazer balé, e ela me falou assim 'ah Fê o balé é coisa pra macho cara, tu acha que jogador de futebol é macho? Vai ver o bailarino, ele é muito mais macho, porque sofre muito mais' Realmente é sofrimento, é dor, não é coisinha fácil, todo mundo vê assim bonitinho, mas é um sofrimento. [...] O homem procura outras formas, outras atividades que não a dança por causa disso, por causa dessa questão da masculinidade, que tem que ser homem, e que se você dançar, você não é homem.*

Rodrigo também afirma:

*[...] eu acho que é o preconceito [...] você não pode dançar, você não pode rebolar, você não pode... Vocês mulheres já foram acostumadas desde pequenas a se soltar, a dançar, enfim isso facilita até para quando você entra na dança, você já tem uma consciência melhor do seu corpo e não tem vergonha, você faz os movimentos, e eu acho que o homem é muito criticado, porque isso é feminino demais. Você vai virar gay se você fizer isso e você não pode demonstrar os seus sentimentos, e você não pode fazer porque é uma coisa muito subjugada, muito feminino, é tudo muito criticado, é inferior.*

Assim como a autora Stinson (1998a) explica o quão grave pode ser uma comparação feita entre meninos e meninas, e comenta sobre a inferioridade causada nos homens devido ao “status inferior” ao da mulher na sociedade. Essas comparações geralmente são realizadas nas aulas, ou práticas de alguma modalidade esportiva, são utilizadas de modo ofensivo ou forma de exaltação/elogio, como por exemplo: “*Nossa! Você chuta forte igual a um menino*” dando sentido de exaltação ou elogio na frase e a recíproca não é verdadeira, muito pelo contrário. Quando em uma ação o menino é comparado com uma menina: “*Você bate igual uma menininha*” a tonalidade da voz e a comparação surgem como uma ofensa apresentando significado de inferioridade ao mesmo.

Magno também comenta que é uma questão cultural, cabendo aos professores, e educadores ensinarem que:

*Seja qual for a dança, não é a dança que faz uma pessoa se tornar gay ou não, a dança não tem nada a ver com isso. Porque se fosse assim, eu que danço desde os nove eu teria virado gay, porque a dança me fez virar gay, não, a dança não influencia nesse ponto. E a questão dos homens é cultural.*

Fischer (2003) citado por Andrioli (2010, p. 108), comenta sobre essa questão da cultura que aparece frequentemente na fala de todos os entrevistados:

A representação cultural é uma das instâncias de produção discursiva de significados culturais através da linguagem. Implica modos de representar, de usar signos, referentes a objetos, pessoas, sentimentos, fantasias, sonhos, desejos, etc. que estão relacionados à construção de valores, à cristalização de conceitos e preconceitos, à formação do senso comum e à constituição de identidades sociais.

Falando nessa questão cultural, perguntado sobre a presença de aulas de dança na própria escola, três dos entrevistados disseram que não tiveram aulas de danças na escola onde estudavam, porém Alexsandro e Rodrigo falaram que tiveram, mas que não participavam. Ambos disseram que não tinha um estilo de dança pré-determinado nessas aulas, era mais um tipo de dança livre, e que trabalhava mais coreografias em geral.

Rodrigo fala que não participava porque não gostava, e o Alexsandro disse que não fazia por vergonha, como menciona a seguir.

*Eu não participava pela questão de ficar meio retraído, [...] ficava com vergonha e acabava não participando, mas sempre tinha vontade. Às vezes pelo fato de na escola ocorrer dos meninos [...] 'não vai jogar futebol?' E mesmo que eu jogava futebol também, 'ah vai querer dançar' foram algumas vezes que ocorreram.*

Thulio fala que foi através de uma das aulas de Educação Física, que ele conheceu a dança de salão, e que mais tarde conseguiu ir para o ramo do clássico, onde permanece até hoje. Esses relatos confirmam pesquisas anteriores que destacam a dança como tema significativo para ser trabalhado na Educação Física e na escola em geral.

A dança proporciona a vivência corporal como fonte de expressão através dos atos motores, utilizando os movimentos corporais como linguagens para comunicar necessidades e sentimentos (LINDER; ROSSINI, 2013, p. 19).

Além disso, a dança poderá auxiliar no desenvolvimento e na exploração das possibilidades de movimentações, possibilitando o melhor entendimento do corpo dos educados. Porém, sabe-se que a dança é um tema de difícil aceitação por parte dos alunos, devido à proximidade do contato corporal entre homens e mulheres como já dito, e também pelos receios e pré-conceitos oriundos da sociedade.

Dudu disse "[...] *ah eu acho legal, todo mundo devia dançar, todo mundo devia ter uma conexão melhor com o corpo, até porque na escola, a gente não tem... Tem as coisas esporte tal, mas não chega a criar uma Consciência do Corpo*", e em outro trecho fala que:

*[...] sempre achei muito legal, na verdade a parte de dança, só que eu nunca me imaginava fazendo nada, eu não tinha uma conexão boa com o meu corpo, eu achava que só ia ter um caminho pelo cognitivo, não pelo motor. Eu era mais gordão, então eu vivia muito tenso constantemente, mas achava tudo muito legal.*

Nesta perspectiva, Saraiva (2002) comenta que:

Desenvolvem-se culturas diferenciadas para cada sexo, de tal modo que acabam impedindo uma aprendizagem intercultural na educação física escolar, nas práticas esportivas e nas práticas de lazer

generalizadas. São, muitas vezes, práticas permeadas de preconceitos e imagens estereotipadas sobre o que é para quem são possíveis, porque em nossa sociedade a corporeidade e o movimento são extremamente impregnados por uma padronização que é orientada em normas de conduta e representações sociais (s/p).

A dança, em muitos casos, é ligada aos estereótipos de movimentos, por isso encontram muitas resistências em “servir” um público masculino, onde Souza (2007) citado por Andreoli (2010) aborda, por exemplo, que o ballet, jazz, dança do ventre, e tantas outras encontram esse tipo de problema, devido as características dos movimentos acabam por ser danças “classificadas” como exclusivas das mulheres, onde se caso fizessem assumiriam um papel feminino.

Como por exemplo, na pesquisa de Saraiva e Camargo (2008) na qual comentam sobre o equívoco das entrevistadas sobre a Dança do Ventre<sup>4</sup> (DV), pois ao falarem sobre essa, afirmavam ser uma dança para mulheres e não uma dança feminina como apontam a diferença e interessante abordagem.

Dizer que a DV é uma dança da mulher é diferente de dizer que é uma dança do feminino. Ao caracterizar a DV como uma dança da mulher, feita para o corpo da mulher, excluem-se, então, os homens de sua prática. Já ao caracterizá-la como a dança do feminino, o homem que busca tornar-se mais feminino socialmente poderá então se utilizar dela para o fim desejado. Saraiva e Camargo (2008, p. 2).

Como já dito a dança do ventre, o ballet, jazz e entre outras danças, assumem um papel típico do feminino (pelos movimentos estereotipados, e carregados de significados distorcidos), mas não é em toda dança que temos uma negação por parte dos homens, podemos perceber uma maior aceitação por partes deles e assim automaticamente perceber a diferença de movimentações de danças como, por exemplo, em danças de salão, ou Hip Hop que são mais aceitas, devido à imposição da figura masculina, havendo nessas danças uma necessidade muito grande de reafirmação a presença do homem dançando.

No Hip Hop, que tem movimentos que envolvem força, coragem, firmeza, domínio, entre outros fatores dominantes nesses estilos citados. No caso da dança de salão o homem se faz sujeito mandante da ação e assim é ele quem conduz a dama e dita os passos e movimentos. Nesses estilos também se fazem presentes o uso de roupas tidas como apropriadas aos homens, com roupas largas, as cores, e utensílios estilizados, assim como bonés, entre outros elementos que carregam um caráter masculino.

Essa questão, pode ser melhor detalhada e entendida a partir do questionamento: você observa em sua trajetória/vivência na dança, se existe pouca participação de homens? Se sim, porque você acha que isso ocorre? Essa foi uma pergunta que teve bastantes respostas distintas. Por exemplo, Fernando e Alexsandro disseram que realmente tem poucos homens na dança, e a explicação de Fernando foi a seguinte:

*Sim, porque eu lembro que eu era o único menino que entrou na turma de sapateado, uma das únicas crianças, na verdade menino, homens que dançavam. O que até me levou a ganhar certas vantagens, por que, como é o universo que tem muita menina, quando aparece algum menino todo mundo diz 'MEU DEUS DO CÉU,*

---

<sup>4</sup> A Dança do Ventre tem sua origem nos rituais sagrados, onde a dança era realizada com um caráter espiritual, louvando às deusas da antiguidade, com objetivo de tornarem-se mulheres férteis e também tornar a terra fértil para as lavouras.

*GUARDA!’ (Entonação engraçada, risos) ‘cuida dele’. Eu lembro que ganhei desconto em várias coisas, logo quando entrei. Porque que eu acho que isso acontece? É extremamente, unicamente e exclusivamente por causa da sociedade que construiu as coisas assim, então as meninas são acostumadas, serão bailarinas, e os meninos são acostumados a jogar futebol, [...] vai entrar em alguma coisa da arte, vai tocar violão, vai tocar um piano, mas dança não! Eu acho que é justamente pela questão da sexualidade. A dança é vista com uma coisa que se não é para menina é para gay, e é basicamente isso que conta ali.*

Alexsandro também comenta o caso, de acordo com o que observa em suas aulas:

*Sim, dá para perceber isso nas turmas que eu dou aula aqui na escola, tem pouquíssimos meninos nas turmas. Se tem por cima uns 90 alunos, [...] tem 5 meninos, é muito pouco! Eu acho que é pela questão cultural, [...] que interfere muito nisso, país do futebol [...].*

Porém, Dudu e Magno discordam, afirmando que tem sim bastante homem na dança. Magno disse que por estar na dança há bastante tempo, ele realmente pegou essa fase em que tinham poucos homens, mas que hoje em dia as danças em geral, começaram a abrigar mais homens, e relata:

*Quando eu comecei era quase impossível de ter crianças na dança de salão, porque a dança de salão até então era tido como algo para pessoas mais velhas, e quando eu comecei, era eu e minha parceira de criança, e mais ninguém de criança. E aí sim, eu observada bastante, que existiam poucos homens na dança, por preconceito, mas ao longo dos anos as coisas foram mudando. Mas eu acho que é uma questão muito cultural, porque da mesma forma que hoje em dia existe bastante homem dançando, em alguns lugares dependendo da Cultura não adianta! Os homens não vão dançar, as turmas vão ter mais mulheres.*

Acredito eu, que esse processo de diferentes repostas, tenha se dado devido as experiências diversificadas de cada professor/praticante nos estilos de danças em que frequentam, por exemplo, um dos meninos da dança de salão e hip hop afirmaram que tem uma grande quantidade de homens, por que a maior parte do tempo deles é em contato com essas modalidades. Fernando, que é do sapateado, e Alexsandro, que é do jazz, falaram que não tem muita procura dos homens pela dança. Rodrigo, por exemplo, que é um dos professores de dança de salão, afirma que depende do estilo de dança e diz que a procura pelo balé realmente é mais escassa.

Outro ponto bem importante e interessante que apareceu nas entrevistas, que foi a questão da desvalorização da dança na cidade de Florianópolis, e no próprio Brasil. Três dos entrevistados (Rodrigo, Fernando e Thulio) falaram sobre suas experiências fora da cidade e falaram sobre uma maior aceitação de homens nessas cidades e países em que conheceram como: Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Alemanha, entre outros. Rodrigo dá o seu parecer a essa questão:

*[...] por exemplo, no balé clássico, nessa pequena experiência que eu tenho, eu vejo que tem muito mais mulher, depende do âmbito também, por exemplo, Florianópolis eu vejo que tem pouco homem, mas o tempo que eu passei em Belo Horizonte tem muito homem no balé clássico. Como é um ambiente, uma cidade mais acolhedora*

*para a dança, e para as artes em si, lá você vê muito homem participando. Mas também tem uma falta, por exemplo, até o próprio grupo corpo, ele tem a companhia e tem a escola, e na escola é muito fácil o homem conseguir bolsa para fazer aula, porque existe uma falta no mercado para bailarinos, então, isso facilita também. [...] em Florianópolis pelo o que eu vejo, posso estar enganado, mas é pouco ainda, e na dança de salão talvez, que é o que eu tenho mais contato para falar, eu acho que varia de acordo com a fase do ano, às vezes tem mais gente, as vezes tem menos, mas as mulheres sempre acabam buscando mais, se mantem mais.*

Magno discorda que a dança em Florianópolis esteja desvalorizada, no seguinte comentário: “*Ah em Floripa que é uma capital reconhecida da dança, tem turmas que têm muito mais homens do que mulheres, então já é um fato que acontece corriqueiramente, mas em outros locais ainda existe uma procura muito maior das mulheres*”.

Thulio relata que a acessibilidade para cultura e a oportunidade de meninos estarem em salas de aulas é muito maior no Rio de Janeiro, quando comparada com Florianópolis. Ele fala que em Floripa, ele era muito conhecido, porque só tinha dois meninos que faziam aula de balé na época, então ele quase sempre nos festivais que ocorriam aqui, ele ganhava em primeiro ou segundo lugar, mas, quando foi morar no Rio:

*[...] quando eu ganhava terceiro era uma vitória, porque tinha uma fila de meninos bons, então quando você ganhava terceiro lugar [...] era a festa do ano. [...] então no Rio de Janeiro eu noto que, tinha mais acessibilidade às escolas, muitos projetos como: o Criança Esperança tem o projeto da fundação Roberto Marinho que na verdade é vinculado. Aqui em Florianópolis eu noto que ainda tem essa coisa de 'ah menino na turma' [...] tem muita acessibilidade ao palco, no teatro municipal [...] eles têm ingresso a preço popular, aqui, por exemplo, veio o balé Russo, estava 180 reais o ingresso. [...] até o brinco com todo mundo, que a Europa é desenvolvida porque lá tem Cultura, é um acesso fácil, tem uma sensibilidade.*

Fernando faz uma comparação, bem interessante entre Brasil e outros países:

*Os outros países já estão mais avançados, principalmente no sentido da sexualidade, então foi o que eu falei, Estados Unidos tem mais homens nas aulas de sapateado, por exemplo, que é o que eu vejo mais. Mas eu morei um tempinho na Alemanha, e lá tinha uma escola de contemporâneo com ballet clássico, e tinha muito homem hétero, ao mesmo tempo aqui no Bolshoi, as pessoas olham estranhos para eles, [...] e lá na Alemanha não sentia que tinha muito esse preconceito, 'ah você tá dançando então não é homem' aqui eu já sinto mais, não sei te dizer qual o índice no Brasil, mas é questão de sentimento, é o que eu vejo, o que é um ouço falar.*

Apesar dos problemas já citados nesse trabalho, referente ao preconceito da sociedade quanto ao homem dançando, alguns dos entrevistados expuseram suas ideias e conclusões sobre o caso, assim como Rodrigo:

*[...] eu acho que isso vem se desconstruindo bastante, essa ideia, esse pensamento machista, [...] junto com o feminismo, da ideia das mulheres quererem se impor mais, eu acho que vem desconstruindo muito essa questão da homofobia também na dança, e de que porque*

*you dance you have your sexual orientation like that, finally, or that defines your sexual orientation.*

E Fernando em suas palavras apoia o que o colega diz:

*I think that lately things are changing quite a bit, every time more people see more boys, entering to dance. Parents who are open-headed, who take their sons to classes, and don't have a problem with it. It's a process, I don't think it will change overnight, but it's changing little by little [...] I have a lot of hope in this sense, all these questions that happen in dance, are being discussed outside of it, as questions to be discussed, and that's good or bad influence too, I think.*

Magno também concorda com essas ideias apresentadas por Rodrigo e Fernando, falando que o entendimento mudou bastante quando comparado com tempos atrás:

*[...] anticamente, só de falar que dançava em uma escola, a primeira coisa que me falavam era 'ah é tu faz balé?' dança parecia que só existia balé, e eu respondia 'não, eu faço balé porque ajuda na minha dança e tal', 'ah tu usa a sapatilha de ponta? Tu usa collant?' Daí eu falava olha quem usa sapatilha de ponta são as meninas, collant só quem usa são as meninas. Então existe um tabu cultural muito grande ainda, mas, já mudou bastante assim.*

Apesar dessa questão vir sendo desconstruída ultimamente, ainda existem muitos fatores que acabam influenciando os homens a dançarem ou não, como a mídia. A fim de saber um pouco mais desta relação com a mídia pedimos para que falassem sobre a influência desta em suas vidas e suas percepções na relação entre esta e a dança. É o que veremos no item a seguir.

#### **4.3 TV, Internet, outdoors... relações entre mídia, gênero e dança**

Hoje em dia a mídia é um veículo de informação muito usual e acessível, onde quase todo o mundo tem acesso a ela, em suas várias formas. Esses dados, conteúdos, informações são distribuídas em instantes de segundos por meios de comunicações como, por exemplo, televisões, internet, outdoors, celular, entre outros. Mas, será que essa forma de informações instantâneas, tratam com atenção os assuntos abordados? Essas informações que são distribuídas são tratadas com relevância? A mídia é capaz de induzir algo?

Para desvendar essas perguntas, fiz o seguinte questionamento aos entrevistados: Você acha que a mídia influencia de algum modo (positivo ou negativo) a presença de homens na dança? Por quê?

Fernando responde a essa pergunta, que julga como complexa e ainda comenta um pouco sobre a influência da mídia voltada para festivais de dança na seguinte forma:

*I think it influences (Thoughtful). It's a difficult question. In a certain way people have a lot of this culture of the ballerina, (pointing to a huge image of a child dressed as a ballerina, fixed on the wall) the images that people have as references are of her, the point of the foot, the high-heeled shoe. I think that the image of a ballerina is very present, [...] very strong. Only that a few people see that they also put images of men dancing in festivals of dance, that happens. [...] Only that there is this figure of the man generally without a shirt, or with collant, these*



*figuras mais do balé, do contemporâneo, e do jazz, e aí entra naquela discussão de que te falei, as pessoas acham estranho o homem vestir isso, então aquelas que se sentem um pouco ameaçadas de caso elas entrem na dança, e a sexualidade dela está quebrada, elas não vão entrar. Esse tipo de imagem é jogado o tempo todo, o que não é um problema, e eu acho que tem que ser jogada mesmo, isso não significa nada. Só que ao mesmo tempo a mídia, [...] a dança dos Famosos do Faustão, por exemplo, mostram homem e mulher o tempo todo, e professores de dança e atores dançando e de certa forma os homens trazem outras perspectivas de dança que não essa do balé, do jazz, da roupa coladinha.*

Fernando diz que essa é uma percepção distorcida que a mídia televisiva apresenta, eles apoiam a dança, mas só mostram a dança, que é dançada em casais, obrigatoriamente, homens e mulheres, e que carrega um caráter muito dominante do homem, como mandante da ação. Ao falar isso se indaga por que eles não apresentam a dança em seu contexto clássico, com roupas a caráter, que envolvam a delicadeza, emoção dos participantes. Por que só uma dança sensual é apresentada? Parece que essa é um sinônimo de dança para homens, e as demais ficam esquecidas e até mesmo distorcidas, por vezes, contribuindo mais com essa questão de dança para meninos (Street Dance e dança de salão), e dança para meninas (todas outras que envolvam mais delicadeza). E conclui “[...] A mídia bombardeia na nossa cabeça, que entra e a gente não vê, ou está tão acostumado com as regras que são impostas para a gente, que a gente não consegue digerir direito, a gente só engole, vai e reproduz [...]”.

Rodrigo também fala dessa questão e entra em acordo com Fernando:

*Eu acho que atrapalha, pelas coisas que eu vejo hoje em dia na televisão, domingo do Faustão, que é um dos programas que trabalha com dança, e não falando das questões de qualidade técnica, mas eu acho que eles atrapalham bastante, porque sempre coloca o homem com aquele papel de machão, e as coreografias trabalham aquela questão da conquista, o tempo todo eu vou, e eu sou o homem macho alfa que vou conquistar a mulher, e ela não quer e aquele joguinho, aquela coisa, como se a dança fosse só isso.*

A dança de salão (que aparece frequentemente nesse tipo de programa) tem um problema muito grande, pois quando não é para o homem parecer homossexual, ele tem essa necessidade de ser ou fazer o papel do dominador, como continua Rodrigo, falando sobre sua experiência:

*[...] desde pequeno quando eu ia em entrevistas, e ia dançar num programa de TV, sempre tinha aquela pergunta ‘ah mais você conquistou, conquista muitas gatinhas?’ E eu nunca levei para esse lado, como forma de azaração, de pegação, de conquista. Porque para mim, acho que até respondendo um pouco da questão o que é a dança para você? Ela não é isso! Para mim a dança mexe com algo muito maior sabe, ela é muito mais espiritual, quase uma meditação estar dançando, ir em um baile e ficar dançando horas, e o tempo passava, corria e eu nem percebia, e me deixava renovado. Então eu nunca usei a dança dessa maneira, e eu acho que esses programas trabalham muito essa questão. Principalmente a dança do Faustão que é muito visto, muito chamado, mostra muito esse outro lado, ‘ah é o machão que vai conquistar a mulher’ então eu acho que atrapalha*

*bastante, então acho que falta um conteúdo técnico, e de pessoas que tenham uma visão real da dança, para ajudar, para estar lá”.*

Fernando conclui sua opinião dizendo:

*Eu acho que influencia! Voltando para questão (risos), eu acho que influencia e de várias formas, eu acho que falta ainda a mídia... não é nem valorizar, mas é mostrar que a figura masculina, também pode estar presente ali na dança. A mídia pode demonstrar outras coisas também que não tem na dança, por exemplo, bailarinas mais gordas, que são coisas que poderiam que podem existir e que devem existir, mas não existem, por quê se você for comprar uma bolsa de uma bailarina ela vai ser a alongadíssima, aquela coisa de sempre então, não é questão de valorizar mais o homem ou a mulher gorda, mas é questão de mostrar que eles também podem, que também é uma coisa normal.*

Segundo Sabat (2003), as imagens do dia a dia trazem consigo uma intenção pedagógica, e oferecem um modo de ver as coisas no mundo através da sua perspectiva, na qual frequentemente acaba produzindo conceitos ou pré-conceitos. Essas imagens que valorizam um determinado tipo de comportamento, de estilo de vida ou de pessoa, é sim uma forma de regulação social que reproduz padrões, que acabam por ser mais aceitos em uma sociedade. Muitos produtos, por exemplo, estão diretamente associados aos sujeitos, ou seja, os indivíduos que compram uma mercadoria, não consomem apenas o produto, mas também os valores que são estabelecidos através dele, assim como a propaganda insinuou com modelos bonitos, felizes, e cheios de autoestima. Parece inofensivo, mas que carrega mensagens intrínsecas, de como se portar, como ser, o que fazer.

Magno dá seu parecer sobre a questão, mas defende o programa dança dos famosos, onde ele diz que antigamente a dança causava esse rótulo, onde todo homem que dançava era gay, mas que com a ajuda do quadro do Faustão, apesar das suas falhas e erros: “[...] ele acabou sendo muito bom para mostrar que não é isso. As pessoas começaram a enxergar, que professores de dança, dançarinos não são literalmente gays, só porque dançam, e então ajuda bastante”. Ele também diz que práticas de danças que eram feitas só por mulheres, hoje também são feitas por homens, o que ajudou em relação ao gênero no sentido de que:

*[...] sua opção sexual pode ser qualquer uma, mas o teu gênero continua sendo masculino, feminino, e isso não foi mais afetado. E a mídia tem ajudado bastante, com os programas de dança, as matérias, mas ainda falta muito, porque acontece de que a gente atinge um grande público, mas tem muita gente que não tem essa informação, pois não chega para todo mundo, mas a mídia tem ajudado bastante, [...] já atrapalhou muito, mas hoje em dia ajuda bastante.*

Dudu e Alessandro afirmam que a mídia influencia de forma negativa. Dudu acha que ela é uma das responsáveis por ajudar a construir as regras de que menino tem que jogar futebol, lutar, e usar azul, assim como a menina tem que ser bailarina ser delicada, e usar coisas desse feitio, comenta:

*[...] a mídia brasileira, nesses programas de comédia, é estereótipo para lá, é estereótipo para cá, e querendo ou não, isso fica nas pessoas, elas tomam aquilo como verdade. E querendo, ou não, inconscientemente aquilo se torna verdade e elas não sabem por que, mas elas sentem que é errado.*

Ruth Sabat (2003), em um estudo sobre Gênero e sexualidade para consumo aborda que muitas dessas publicidades e propagandas, regulam as condutas das pessoas, direcionam os comportamentos e os desejos, assim como também participam do mecanismo de educar e produzir conhecimento, ou seja, a publicidade tem uma grande colaboração para a construção de identidades. Ela lida com ações do próprio cotidiano da sociedade, ela não inventa discursos ou representações, e sim aborda o conhecimento que a população alvo está inserida, pois ele apresenta hábitos, modos de comportamentos, induzindo-nos no nosso modo de pensar, ser e estar no mundo.

E Thulio fala que a seu ver a influência da mídia é relativa, mas complementa: “[...] eu acho que o que mais influencia o povo brasileiro, é novela da Globo, se tem uma menina dançando balé na TV da Globo, o número das Minhas alunas vai dobrar, [...] infelizmente!”. Thulio fala que as pessoas deveriam estudar mais, ter mais conhecimento, comenta que em função das pessoas terem acesso a televisão como algo padrão, ou se espelham muito nisso, nas novelas, por exemplo, “[...] eu acho que o que falta no povo, não é informação, mas, introduzir a cultura na sociedade. [...] Todo mundo tem televisão, tem acesso à internet, então eu acho que o que falta é a cultura, o povo sentar e assistir a um espetáculo [...]”.

Entendemos que Thulio ao falar sobre “*falta de cultura*”, refere-se a necessidade que sente em que as pessoas acessem a dança por outros meios que não aos convencionais, como a televisão e internet, mas que ampliem as suas experiências do contato com a dança, indo a teatros, assistindo a espetáculos com a temática, lendo livros sobre, entre outras possibilidades que torne possível olhar por outros ângulos. Ainda, gostaria de deixar claro que não concebo a ideia de alguém não ter cultura, visto que todos nós temos, à medida que temos a capacidade, independente de quem somos e onde vivemos, de sermos transformados e de transformar a cultura.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste estudo salienta-se que cada entrevistado traz consigo significados muito especiais sobre a dança, advindos de destinos, modos de viver, e de experiências diferentes, mas o que todos têm em comum é a permanência no mundo da dança. Isto porque, a dança conforme os seus relatos, configura-se como uma experiência significativa, e que muitos começaram dançando por satisfação, por se sentir bem dançando, e hoje acabaram se tornando profissionais na área.

Percebe-se que tiveram tempos em que a presença de homens na dança era escassa, mas, que ultimamente isso está mudando aos poucos. Mesmo esse aumento do público masculino na dança, o ingresso de homens ainda é pequeno quando comparado com as mulheres. Quando se pensa na aceitação dos homens nessas danças geralmente se dá nos estilos com predominância de movimentos bruscos, ágeis, e de domínio masculino, características essas que se encaixam na dança de salão e hip hop, em que a figura do homem ainda é muito requisitada.

Nota-se que o preconceito se evidenciou a partir das entrevistas, bem como nos estudos que esta pesquisa se baseou. Levando, na maioria das vezes, os indivíduos, desde criança, a seguirem um padrão de cores, roupas, brinquedos, práticas esportivas, distintos para cada sexo, esse preconceito, segundo os entrevistados, muitas vezes está vinculado a questões culturais. Essa ação pode, e acaba influenciando na decisão de um homem que muitas vezes age por medo do que os outros vão pensar, afinal essa ação é considerada uma prática pertencente às mulheres, fazendo com que essa pessoa acabe reprimindo suas vontades e desejos. A mídia corriqueiramente reforça a caracterizar esse papel de homens e mulheres, seja em programas televisivos, jornais, desenhos, propagandas entre outros meios, nos quais os homens acabam assumindo um comportamento diferenciado das mulheres, desde vestir uma roupa até o modo de agir. Principalmente a televisão que passa diversos conteúdos por meio de desenhos, filmes, que acabam contribuindo com a formação de identidades, muitas vezes preconceituosas, através dos conteúdos propostos.

Ao elencar essas questões, é importante destacar o papel fundamental da escola, de dialogar, e fazer palestras com os alunos juntamente com os professores, possibilitando o desenvolvimento de sujeitos críticos, pensantes, e não preconceituosos. Esse debate, também é extremamente necessário na área da Educação Física, já que o contato corporal é muito maior quando comparado com outras disciplinas. Por isso, é importante a tentativa de construir com os alunos o respeito entre todos, o que de certa forma é facilitado pela proximidade que as vivências corporais possibilitam.

Acredito que uma das possibilidades seria inserir a dança através dos princípios de coeducação, por meio da dança improvisação, trabalhando a dança em contato com as experiências das próprias pessoas que estão dançando, criando movimentos a partir das vivências de cada um e não através de movimentos pré-estipulados de um determinado estilo, que muitas vezes carrega movimentações estereotipadas, que acaba mistificando mais essa ideia de prática de meninas e meninos.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 15, n. 1, p.107-118, 22 jun. 2010.
- ANDREOLI, Giuliano Souza. Representações de masculinidade na dança contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 01, p.159-175, jan. 2011. Trimestral.
- ASSIS, Marília del Ponte de; SARAIVA, Maria do Carmo. O feminino e o masculino na dança: das origens do balé à contemporaneidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 02, p.303-323, abr. 2013.
- CONNEL, Robert Willian. Políticas de masculinidade. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, 1995 p. 185-206.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio ilustrado**. Curitiba: Positivo, 2008.
- FLECK, Ana Cláudia; WAGNER, Adriana. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, p.31-38, abr. 2003.
- GIROUX, Henry. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: RAEL, Claudia Cordeiro. Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney. In: LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, Gênero, e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 160-168.
- GUERRA, Paula Bierrenbach de Castro. Psicologia social dos estereótipos. **Psicofusf**, São Paulo, v. 7, n. 2, p.239-240, jul. 2002.
- LEITÃO, Fátima Cristina do Valle; SOUSA, Iracema Souza de. O homem que dança... **Motrivivência**, Florianópolis, v. 8, p.250-259, 8 dez. 1995.
- LINDNER, Maísa Karsten; ROSSINI, Ivana Schmidt. Dança como linguagem corporal. **Revista Caminhos**, Rio do Sul, v. 4, n. 7, p.19-27, jul. 2013.
- MICHAELIS: **Dicionário escolar língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008, p.535.
- RAEL, Claudia Cordeiro. Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney. In: LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, Gênero, e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 160-168.
- SABAT, Ruth. "Gênero e sexualidade para consumo". In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 149-160.

SARAIVA, Maria do Carmo. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da educação física, esporte e lazer? **Motrivivência**, Florianópolis, n. 19, s/p, dez. 2002.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esporte**: Quando a diferença é mito. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1999. 208 p.

SARAIVA, Maria do Carmo; CAMARGO, Julieta Furtado. Dança do ventre: ressignificações do feminino? **Anais...** Fazendo Gênero 8: Corpo, violência e poder. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SARAIVA, Maria do Carmo; KLEINUBING, Neusa Dendena; FRANCISCHI, Vanessa Gertrudes. Dança e gênero: possibilidades da educação inclusiva. In: SARAIVA, Maria do Carmo; KLEINUBING, Neusa Dendena. **Dança: diversidade, caminhos e encontros**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012, p. 85-98.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A PESQUISA CIENTÍFICA. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

STINSON, Suzan. Reflexões sobre a dança e os meninos. **Pro-posições**, Campinas, v. 9, n. 2, p.55-61, 26 jun. 1998a.

STINSON, Suzan. Vozes de meninos adolescentes. **Pro-posições**, Campinas, v. 9, n. 2, p.62-69, 26 jun. 1998b.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Entrevista semi-estruturada como coleta de informação. In: Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987, p. 145-52.

## 7 APÊNDICES

### APÊNDICE A: Roteiro de entrevista semiestruturado

#### Roteiro de entrevista

##### Questões de identificação

- 1) Nome fictício:
- 2) Idade:
- 3) Escola de dança:

##### Questões de conteúdo

Investigar qual a trajetória dos participantes da pesquisa com a dança:

- 1) Porque você começou a dançar?
- 2) Porque você permanece dançando?
- 3) Há quanto tempo você faz aula de dança?
- 4) Quais estilos de dança você já fez, e por quanto tempo permaneceu?
- 5) Qual o significado da dança na sua vida?

Refletir sobre as questões de gênero presentes na dança:

- 1) Na escola, nas séries iniciais até o ensino fundamental, você se recorda se teve aulas de dança? Se teve, como aconteciam?
- 2) Você observa em sua trajetória/vivência na dança, se existe pouca participação de homens? Se sim, porque você acha que isso ocorre?
- 3) Por que os homens geralmente optam por outras praticas e não a dança?
- 4) Antes de fazer aulas, o que você pensava dos homens que dançam? E atualmente?
- 5) Como você percebe o olhar das pessoas ao saberem que pratica dança? (amigos, familiares, entre outros).
- 6) Você já sofreu algum preconceito por fazer dança?

Identificar a influência da mídia sobre o homem que dança:

- 1) Você acha que a mídia influencia de algum modo (positivo ou negativo) a presença de homens na dança? Justifique.

## APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
Coordenadoria de Graduação em Educação Física  
Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900

### **APÊNDICE B: CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES.**

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada “O GÊNERO DANÇANTE: DESVELANDO OS SIGNIFICADOS DA DANÇA”, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

Florianópolis, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017

---

Nome do Sujeito Pesquisado

---

Assinatura do Sujeito Pesquisado



## APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
Coordenadoria de Graduação em Educação Física  
Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900

### APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Ageniana Espíndola, aluna do curso de Graduação - Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolvo a pesquisa “**O gênero dançante: desvelando os significados da dança**”, sob a orientação do pesquisador responsável pela pesquisa, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Fiamoncini (CDS/UFSC). O estudo tem por objetivo Desvelar os significados da dança para bailarinos e praticantes em Florianópolis (SC).

Esta pesquisa será realizada em duas escolas de dança de Florianópolis. Os dados serão coletados através de entrevistas semiestruturadas que serão gravadas, transcrita com fidelidade, sem alterações dos vocábulos utilizados, evitando a distorção das informações.

Não identificamos riscos decorrentes da participação na pesquisa, porém, o participante da pesquisa poderá em algum momento sentir algum desconforto por saber que está sendo observado pela pesquisadora. Porém, a pesquisadora tomará cuidado para que o participante não se sinta observado, mas auxiliado em alguma dificuldade que possa ter no decorrer da pesquisa. O pesquisado não terá despesas e nem será remunerado pela participação na pesquisa.

Os participantes serão esclarecidos (as) sobre todos os aspectos que envolvem o estudo e sobre qualquer aspecto que desejarem. Cada participante ficará de posse de uma via do Termo de Conhecimento Livre e Esclarecido. Cada participante da pesquisa é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, pois a sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade. As informações de identificação dos sujeitos participantes da pesquisa serão tratadas com sigilo.

O pesquisador responsável declara que consta neste termo as informações referentes às exigências contidas no item IV. 3 da resolução CNS 466/12.

Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser mais fazer parte do mesmo, pode entrar em contato pelo telefone: (48) 99905-1691 (Luciana); (48) 99974-0649. O endereço da pesquisadora é Rodovia Admar Gonzaga, 1935, Bairro Itacorubi, Florianópolis/SC, CEP 88034000.

Se você estiver de acordo em participar, posso garantir que as informações fornecidas somente serão utilizadas neste trabalho, com o máximo sigilo.

Pesquisador principal: \_\_\_\_\_

Ageniana Espíndola

Pesquisador responsável: \_\_\_\_\_  
Luciana Fiamoncini

Eu fui esclarecido (a) sobre a pesquisa “**O gênero dançante: desvelando os significados da dança**” e concordo que os meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

Florianópolis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Assinatura: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_